

a profecia
crónicas da escolhida | livro dois
nora roberts

Tradução de Isabel Penteado

Para Kayla, que está a crescer inteligente e forte



A ESCOLHA

*Tão perto está a grandeza do nosso pó,
Tão próximo está Deus do Homem,
Quando o Dever sussurra: Tu deves,
O jovem responde: Eu posso.*
— Ralph Waldo Emerson

PRÓLOGO



Disseram que um vírus acabou com o mundo. Mas foi magia, negra como uma noite sem Lua. O vírus foi a sua arma; uma torrente de flechas volantes, uma saraivada de balas silenciosas, o golpe de uma lâmina denteada. Contudo, foi um gesto inocente — o toque de uma mão, um beijo de boa-noite de uma mãe — que disseminou o Flagelo, causando uma morte súbita, dolorosa e horrenda a milhões de pessoas.

Muitos dos que sobreviveram àquele primeiro ataque inesperado morreram por sua própria mão ou pela de outrem, pois as espinhosas gavinhas da loucura, da dor e do medo estrangularam o mundo. Outros ainda, incapazes de encontrar abrigo, comida, água limpa e medicamentos, definharam simplesmente e morreram à espera de ajuda e de esperança que nunca chegariam.

A espinha da tecnologia quebrou, trazendo a escuridão e o silêncio. Os governos tombaram dos seus poderosos poleiros.

O Flagelo não deu tréguas à democracia, nem aos ditadores, nem aos parlamentos, nem aos reinos. Alimentou-se de presidentes e de camponeses com igual voracidade.

No meio da escuridão, as luzes obscurecidas durante milênios começaram a tremeluzir e a despertar. A magia, branca e negra, emergiu do caos. Os poderes despertados permitiam optar entre o bem e o mal, a luz e a escuridão.

Alguns escolheriam sempre a escuridão.

Os Mutantes partilhavam com os seres humanos comuns o que restava

do mundo. E aqueles — seres humanos e seres mágicos — que abraçavam a escuridão atacavam, reduzindo grandes cidades a escombros, perseguindo quem se escondia deles ou quem os enfrentava, para destruir e escravizar, para se deleitarem com sangue enquanto os cadáveres cobriam o chão.

Governos em pânico ordenaram às suas forças militares que recolhessem sobreviventes e «contivessem» os Mutantes. E assim, uma criança que descobrisse as suas asas podia acabar amarrada numa mesa de laboratório, em nome da ciência.

Lunáticos proclamavam a sua cruel justiça em nome de Deus, inculcando medo e ódio para criarem os seus próprios exércitos e expurgarem os «outros». Apregoavam que a magia era obra do Diabo e que os que a possuíam eram demónios que tinham de voltar para o Inferno.

Os Salteadores patrulhavam as cidades arruinadas, as autoestradas e as estradas secundárias, para queimar e matar porque lhes dava prazer. O ser humano encontraria sempre formas de infligir crueldade ao seu semelhante.

Num mundo tão desfeito, quem os deteria?

Ouviam-se murmúrios na luz e rumores na escuridão sobre a vinda de uma guerreira. Ela, filha dos Tuatha de Danann, permaneceria escondida até erguer a sua espada e o seu escudo. Até ela, a Escolhida, combater com a luz a escuridão.

Mas os meses transformaram-se em anos e o mundo permanecia desfeito. Perseguições, ataques e rusgas continuavam.

Alguns escondiam-se e esgueiravam-se durante a noite para procurar ou roubar o suficiente para sobreviver mais um dia. Outros optavam por fazer-se à estrada, numa migração interminável para lugar nenhum. Havia quem fosse para a floresta para caçar, ou para os campos para plantar. Alguns formavam comunidades instáveis, que lutavam para sobreviver num mundo em que um punhado de sal valia mais do que ouro.

E outros, como os que haviam encontrado e formado Nova Esperança, reconstruíam.

Quando o mundo acabou, Arlys Reid noticiou-o de Nova Iorque, da mesa de pivô que havia herdado. Tinha visto a cidade arder à sua volta e no final decidira dizer a verdade a todos os que ainda podiam ouvi-la e fugir.

Tinha visto a morte de perto, tinha matado para sobreviver.

Tinha visto os pesadelos e as maravilhas.

Ela, e mais um punhado de pessoas, incluindo três recém-nascidos, haviam encontrado a deserta vila rural que tinham batizado como Nova Esperança. E aí se estabeleceram.

Agora, no Quarto Ano, Nova Esperança tinha mais de trezentos habitantes, um presidente de Câmara e um conselho municipal, uma força policial, duas escolas — uma delas dedicada à educação e treino daqueles que tinham poderes mágicos —, uma horta e uma cozinha comunitárias, duas quintas — uma delas com um moinho para farinha e grão —, uma clínica médica que incluía um pequeno consultório dentário, uma biblioteca, uma armaria e uma milícia.

Tinha médicos, curandeiros, ervanários, tecelões, grupos de costura, canalizadores, mecânicos, carpinteiros e cozinheiros. Alguns haviam ganhado a vida com esses ofícios no mundo antigo. A maioria estudava-os e aprendia-os no novo.

Tinham segurança armada postada vinte e quatro horas por dia. E embora se mantivesse em regime voluntário, quase todos os residentes participavam nos treinos de combate e armas.

O massacre de Nova Esperança, que acontecera no primeiro ano, era ainda uma cicatriz dolorosa nos corações e mentes de todos. Essa cicatriz, e os túmulos dos mortos, havia levado à formação da milícia e dos grupos de salvamento que arriscavam as suas vidas para salvar outras.

Arls estava no passeio, a contemplar Nova Esperança, e percebeu a sua importância. O porquê de tudo aquilo ser importante. Era mais do que sobrevivência, como havia sido durante aqueles horríveis primeiros meses; mais do que reconstrução, como havia sido nos meses subsequentes.

Era viver e, tal como indicava o nome da vila, era esperança.

Era importante, pensou ela, que Laurel — a elfa — saísse para varrer o alpendre do edifício onde vivia numa fria manhã de primavera. Rua acima, Bill Anderson limpava o vidro da montra da sua loja, e as prateleiras no interior continham dezenas e dezenas de coisas úteis para trocar facilmente.

Fred, a jovem estagiária que havia enfrentado os horrores dos túneis do metro quando saíra com Arlys de Nova Iorque, estaria ocupada na horta comunitária. Com as suas asas mágicas e o seu otimismo inesgotável, Fred vivia todos os dias com esperança.

Rachel — médica e muito boa amiga — saiu para abrir as portas da clínica e acenou-lhe.

— Onde está o bebé? — perguntou Arlys.

— A dormir... A não ser que o Jonah lhe tenha pegado outra vez quando eu virei as costas. O homem está fascinado.

— Como qualquer pai deve estar. Não é hoje o teu *check-up* das seis semanas, doutora? Um dia importante para ti.

— Esta doutora já deu alta à sua paciente, mas o Ray vai formalizá-la. Também é um dia importante para ti. Como te sentes?

— Ótima. Entusiasmada. Um pouco nervosa.

— Vou sintonizar o rádio... e quero-te aqui quando terminares.

— Aí estarei. — Enquanto falava, Arlys pousou a mão na volumosa barriga. — Este bebé deve estar quase a sair do forno. Se demorar muito mais, não conseguirei sequer andar como um pato.

— Depois vemos isso. Bom-dia, Clarice — disse Rachel quando a primeira paciente do dia se aproximou. — Podes entrar já. Boa sorte, Arlys. Vamos estar a ouvir-te.

Arlys começou a andar como um pato — de facto, não havia outra maneira de o descrever — e parou quando ouviu chamar pelo seu nome.

Esperou por Will Anderson — seu vizinho de infância, atual chefe de polícia e, curiosamente, o amor da sua vida.

Ele pousou uma mão sobre a que ela tinha pousada sobre a barriga e beijou-a. — Acompanho-te ao trabalho?

— Claro.

Will entrelaçou os dedos com os dela e encaminharam-se para o local onde ele havia vivido durante os seus primeiros meses na comunidade. — Não te importas que eu fique para assistir?

— Se quiseres, mas não sei quanto tempo demorará a preparar tudo. O Chuck está otimista, mas...

— Se o Chuck diz que conseguimos fazer isto, então conseguimos.

Como os nervos estavam a dar-lhe a volta ao estômago, Arlys bufou. — Concordo contigo.

Pirata informático e génio da tecnologia, Chuck havia sido a principal fonte de Arlys durante o Flagelo e controlava agora a pouca tecnologia de que dispunham. Na cave, evidentemente. O sujeito era um convicto habitante de caves.

— Quero ver-te a trabalhar — acrescentou Will.

— O que chamas ao que faço em casa com o *Boletim de Nova Esperança*?

— Trabalho, e uma dádiva à comunidade. Mas estamos a falar de uma emissão em direto, querida. Foi para isso que nasceste.

— Sei que algumas pessoas estão preocupadas com o risco de atrairmos atenção para aqui. O tipo errado de atenção.

— Vale a pena o risco. E o Chuck não só sabe o que está a fazer, como teremos os escudos mágicos ativos. Se conseguires chegar a uma pessoa, poderás chegar a uma centena. Se chegares a uma centena, quem sabe... Muitas

peessoas continuam sem saber que diabo se passa, onde podem procurar ajuda, provisões, medicamentos. Isto é importante, Arlys.

Era muito importante para ela quando ele arriscava a vida num salvamento.

— Estava há pouco a pensar no que é importante. — Arlys parou diante da casa e virou-se para ele. — Estás no topo da lista.

Encaminharam-se para as traseiras da casa, onde ficava a porta da cave.

No interior, o que havia sido uma grande sala familiar era agora o sonho húmido de qualquer *geek* dos computadores — caso o seu sonho fosse montar componentes, cabos, discos rígidos, *motherboards*, desmontar computadores antigos, reconfigurar computadores de secretária e portáteis, suspender vários ecrãs.

Ela estava convencida de que era o caso de Chuck.

Chuck estava sentado diante de um dos teclados e envergava um casaco de capuz, umas calças cargo e um boné com a pala virada para trás sobre os cabelos recentemente pintados de branco por cortesia da esteticista da comunidade. Havia optado por um tom vermelho-vivo para a barbicha pontiaguda.

Por falar em vermelho-vivo, os caracóis de Fred saltaram quando esta se levantou abruptamente de onde havia estado sentada com três crianças de quatro anos e uma série de brinquedos.

— Aqui está o talento! Eu sou gerente de produção, moça de recados e assistente de câmara.

— Pensava que a moça de recados era eu. — Katie, mãe de três, mantinha as crianças debaixo de olho, sentada no braço do sofá puído no qual Arlys sabia que Chuck costumava dormir.

— És minha assistente e supervisora dos amplificadores de sinal.

Katie olhou para os seus gémeos, Duncan e Antonia. — Eles estão animados. Só espero que eles e nós saibamos o que estamos a fazer.

— Vamos ajudar a Arlys e o Chuck — disse Duncan, sorrindo para a mãe. — Eu e a Tonia.

— Força! — Tonia deu umas risadinhas e levantou uma mão. Duncan uniu a palma da mão à dela. Fez-se luz.

— Ainda não.

Hannah, loura e rosada em contraste com os cabelos escuros dos gémeos, levantou-se. Deu umas palmadinhas na perna da mãe, como se quisesse confortá-la, e depois aproximou-se de Arlys. — Quando sai o bebé?

— Em breve. Espero.

— Posso ver?

— Ah...

Katie soltou uma gargalhada e levantou-se para pegar em Hannah e lhe dar um beijo. — Capaz disso era ela.

— Quanto a isso, não sei, miúda. — Chuck girou na sua cadeira. — Mas estão prestes a assistir ao momento histórico que será a primeira emissão televisiva de Nova Esperança.

— Estamos ligados?

Chuck sorriu para Arlys e espetou o polegar. — Estamos ligados. Estamos definitivamente ligados, com alguma ajuda dos nossos amplificadores.

De olhos a brilhar, os gémeos deram um salto.

— Ainda não, ainda não. — Desta vez, foi Arlys quem os refreou. — Tenho de dar uma olhada nos meus apontamentos e... coisas. Preciso de uns minutos.

— Não vamos a lado nenhum — disse-lhe Chuck.

— Tudo bem, hum... dá-me só uns minutos.

Atrapalhada com o seu inesperado nervosismo, Arlys voltou a sair com a sua pasta de apontamentos. Fred seguiu-a.

— Não devias estar nervosa.

— Meu Deus, Fred.

— Estou a falar sério. És tão boa nisto. Sempre foste.

— Eu consegui o lugar de pivô em Nova Iorque porque todos os outros morreram.

— Tu conseguiste-o naquele momento por essa razão — corrigiu Fred. — Mas irias sempre consegui-lo. Mais tarde, mas irias consegui-lo. — Aproximou-se de Arlys e pousou as mãos nos seus ombros. — Lembras-te do que fizeste naquele último dia?

— Ainda tenho pesadelos com isso.

— O que fizeste — continuou Fred — quando o Bob te apontou uma arma, em direto? Aguentaste-te. E o que fizeste quando ele se matou ali, mesmo ao teu lado? Aguentaste-te, e fizeste mais do que isso. Olhaste diretamente para a câmara e disseste a verdade. E fizeste-o sem apontamentos, sem o teleponto. Porque é isso que tu fazes. Dizes a verdade às pessoas. É isso que vais fazer agora.

— Não sei por que motivo estou tão nervosa com isto.

— Talvez as hormonas?

Arlys esfregou a barriga e riu-se. — Talvez. Hemorroidas, azia e hormonas. Ter um bebé é uma aventura.

— Mal posso esperar para ter as minhas aventuras. — Fred soltou um suspiro e olhou para o jardim das traseiras. — Quero ter um trilião de bebês.

Arlys só desejava ter aquele... e sem demora.

Mas, naquele momento, tinha um dever a cumprir.

— Está bem. Está bem. Como estou?

— Maravilhosa. Mas hoje serei também a tua maquilhadora. Vou aplicar-te o pó para a câmara e o batom e ficarás deslumbrante.

— Adoro-te, Fred. A sério.

— Oh... Eu também te adoro, a sério.

Arlys deixou que Fred lhe aplicasse o pó e o batom, exercitou um pouco a língua, bebeu uns goles de água e executou algumas técnicas de respiração de ioga.

Quando voltou a sair da casa de banho, viu o sogro sentado no sofá e rodeado pelas crianças. Ele tinha um jeito especial para as cativar.

— Bill, quem é que está a tomar conta da loja?

— Fechei-a por uma hora. Quero ver a minha menina ao vivo e pessoalmente. Os teus pais ficariam orgulhosos de ti. A tua mãe, o teu pai e o Theo ficariam orgulhosos.

— Considera esta a tua mesa de pivô. — Chuck apontou para uma cadeira diante de uma das suas muitas mesas. — Vais ficar virada para esta câmara. Já a tenho no ângulo certo. O que vamos fazer aqui, meninos e meninas, é uma put... estupenda transmissão em simultâneo. Temos a andar a emissão radiofónica e a transmissão em direto através da *internet* e da TV por cabo. Eu vou monitorizar-te e fazer o meu trabalho ali atrás. Mas ignora o homem nos bastidores. O programa é teu, Arlys.

— Está bem. — Arlys sentou-se e acomodou-se. Abriu a sua pasta e tirou a fotografia do seu último Natal com a família. Encostou-a a um teclado. — Estou pronta quando quiseres.

— A Fred vai fazer a contagem decrescente. Muito bem, crianças, vamos lá pôr isto a bombar.

— Não digas «bombar»! — Katie levantou as mãos. — Não fazes ideia.

— Vamos lá. — Encantada, Tonia abanou o rabinho. — Vamos fazer força, Duncan.

— Força. — Duncan sorriu para a irmã e os dois entrelaçaram as mãos. A luz brilhou entre os seus dedos.

— É isso! — Chuck correu de monitor em monitor, fez uns ajustes e soltou um grito de alegria. — É assim mesmo. Já estamos a postos, e é mesmo *já*.

— Arlys. — Fred mexeu-se por detrás da câmara. — Em cinco, quatro...

Usou os dedos para concluir a contagem decrescente e, com um sorriso radiante, apontou o último para a frente.

— Bom-dia, sou Arlys Reid. Não sei quantos conseguirão escutar-me, ou ver-me, mas se estiver a ouvir isto, passe a palavra. Continuaremos a transmitir sempre que possível, para vos dar informação, para vos dar a verdade, para noticiar. Para vos dizer, onde quer que estejam, que não estão sozinhos.

Respirou fundo e pousou as mãos na barriga. — Quatro anos depois do Flagelo, fontes confirmam que Washington D.C. continua instável. A lei marcial mantém-se em vigor em toda a área metropolitana, enquanto os gangues conhecidos como Salteadores e Mutantes Sombrios continuam a atacar. Forças da resistência romperam a segurança de um centro de contenção em Arlington, Virgínia. Segundo o relato de testemunhas oculares, foram libertadas mais de trinta pessoas.

Arlys falou durante quarenta e dois minutos. Noticiou os bombardeamentos em Houston, o ataque feito pelos Guerreiros da Pureza a uma comunidade em Greenbelt, Maryland, incêndios deflagrados, casas invadidas.

Mas concluiu com histórias de humanidade, de coragem e de bondade. A clínica médica ambulante que utilizava carroças e cavalos para chegar a acampamentos remotos, abrigos para os deslocados, salvamentos e bancos alimentares.

— Mantenham-se a salvo, — disse ela, — mas lembrem-se de que não basta manterem-se a salvo. Vivam, trabalhem, reúnam-se. Se tiverem uma história, se tiverem novidades, se estiverem à procura de um ente querido e conseguirem entrar em contacto comigo, eu noticiá-lo-ei. Não estão sozinhos. Sou Arlys Reid, da emissora de Nova Esperança.

— E terminámos. — Chuck levantou-se e cerrou os punhos com entusiasmo. — Foi uma porra de uma emissão.

— Uma porra de uma emissão — repetiu Duncan.

— Ups. — Rindo-se às gargalhadas, enquanto Katie se limitava a fechar os olhos, Chuck saltou para junto de Duncan e de Tonia e estendeu o punho. — Isto foi totalmente espetacular, miúdos. Batam aqui. Vá lá! Batam aqui.

Os gémeos inclinaram as cabeças em simultâneo e estenderam os seus pequenos punhos para baterem no de Chuck.

O punho de Chuck faiscou. — Ei! — Deu uns pulinhos enquanto soprava os nós dos dedos. — Bruto esticão. *Adoro*.

Fred pestanejou para afastar as lágrimas. — Foi uma «vocês-sabem-o-quê», e foi espetacular.

Will dobrou-se e beijou o topo da cabeça de Arlys. — Deixas-me atordado — disse-lhe ele.

— Senti-me... bem. Assim que consegui ultrapassar o nervosismo inicial, senti-me bem. Quanto tempo estive no ar?

— Quarenta e dois incríveis minutos.

— Quarenta e dois. — Arlys girou na cadeira. — Não devia ter exigido tanto dos gémeos. Desculpa, Katie, perdi a noção do tempo.

— Eles estavam bem. Eu não perdi a noção do tempo — garantiu-lhe Katie. — Agora vão precisar de uma bela e longa sesta. — Olhou para Hannah, encolhida a dormir no colo de Bill. — Como a irmã. Tu também parece estar a precisar de uma. Deve ter sido bastante extenuante para ti. Estás um bocadinho pálida.

— Na verdade, penso que cinco minutos depois de ter entrado no ar comecei a ter contrações. Talvez até antes disso. Pensei que eram nervos.

— Tu... o quê? Agora?

Arlys agarrou na mão de Will. — Estou segura de que temos de ir ter com a Rachel. E parece-me que... Ui!

Arlys apoiou uma mão na mesa e com a outra apertou com força a mão de Will.

— Respira — ordenou Katie, apressando-se a colocar uma mão na barriga rija de Arlys para a massajar em círculos. — Respira durante toda a contração... tu tiveste aulas.

— Aulas, uma ova. Nas aulas não se sente esta dor.

— Respira — repetiu Katie com calma. — Acabaste de fazer a primeira transmissão em simultâneo de Nova Esperança enquanto estavas em trabalho de parto. Consegues perfeitamente respirar durante uma contração.

— Está a abrandar. Está a passar.

— Obrigado, meu Deus — murmurou Will, fletindo os dedos doridos. — Au.

— Acredita em mim, isso não está sequer perto de «au». — Arlys bufou com força. — Quero mesmo a Rachel.

— Eu também. — Will ajudou-a a levantar-se. — Mas vamos com calma. Pai?

— Vou ter um neto.

Katie tirou-lhe Hannah do colo. — Vá com eles.

— Vou ter um neto — repetiu Bill.

— Fred? — Arlys olhou para trás. — Não vens?

— A sério? Posso? Oh, meu Deus! Vou a correr avisar a Rachel. Oh, meu Deus! Chuck.

— Ah, não, obrigado. Dispensou. Não quero ofender, Arlys, mas... nem pensar.

— Não fico ofendida.

— Vamos ter um bebé! — Fred abriu as asas e voou pela porta da cave.

Duncan aproximou-se da porta para os ver partir. — Ele quer sair.

Katie ajeitou Hannah nos braços. — Ele?

— Sim. — Tonia foi para junto de Duncan. — O que está ele a fazer ali dentro?

— Isso é uma outra história — disse-lhe Katie. — Venham, crianças, está na hora de irmos para casa. Bom trabalho, Chuck.

— É o melhor emprego de sempre.

Durante as oito horas seguintes, Arlys aprendeu uma série de coisas. A primeira, e mais premente durante algumas dessas horas, foi que as contrações se tornavam muito mais fortes e prolongadas à medida que o trabalho de parto progredia.

Ficou a saber, sem nenhuma surpresa, que Fred era uma entusiasta e incansável assistente. E, também sem qualquer surpresa, que Will era uma rocha.

Recebeu informações — uma ótima distração — de que a sua emissão havia chegado pelo menos aos trinta quilómetros de distância que Kim e Poe haviam percorrido com um computador portátil a funcionar com bateria.

Aprendeu, sem dúvida nenhuma, por que razão lhe chamavam *dores* de parto.

A dada altura, desfez-se em lágrimas e Will envolveu-a nos braços. — Está quase a terminar, querida. Está quase a terminar.

— Não é isso, não é isso. Lana. Lembrei-me da Lana. Oh, meu Deus, Will. Oh, meu Deus. Ter de fazer isto sozinha. Sem o Max, sem a Rachel, sem nós. Estar sozinha e ter de passar por isto.

— Não creio que ela estivesse sozinha. — Fred fez festas no braço de Arlys. — A sério que não. Na noite... eu senti-o. Muitos de nós sentiram. O nascimento da Escolhida. Ela não estava sozinha, Arlys. Eu sei.

— Prometes?

— Juro.

— Está bem. Muito bem. — Quando Will lhe limpou as lágrimas, Arlys conseguiu esboçar um sorriso. — Quase a terminar?

— Ele não está enganado. Chegou a hora de fazer força — disse-lhe Rachel. — Will, ampara-lhe as costas. Na próxima contração, faz força. Vamos trazer este bebé ao mundo.

Arlys fez força, arfou, fez força, arfou, e oito horas depois de ter feito uma emissão histórica, Arlys trouxe ao mundo o seu filho.

E aprendeu uma outra coisa. O amor podia chegar como um raio de luz.

— Olha para ele! Olha para ele. — A exaustão diluiu-se no amor assombroso quando o bebé chorou e se agitou nos seus braços. — Oh, Will, olha para ele.

— É lindo, tu és linda. Meu Deus, amo-te.

Rachel recuou e rolou os ombros doridos. — Will, queres cortar o cordão?

— Eu... — Will aceitou a tesoura das mãos de Rachel, virou-se para o pai e viu lágrimas nas suas faces.

Ele havia perdido netos durante o Flagelo. Uma filha, a mulher, bebés.

— Acho que devia ser o avô a fazê-lo. Que tal?

Bill deslizou os dedos por baixo dos óculos. — É uma honra. Sou avô.

Quando ele cortava o cordão, Fred encheu a sala de arcos-íris. — Sou tia, certo? Tia honorária.

— Sim, és. — Arlys não conseguia desviar os olhos do bebé. — Tu, a Rachel, a Katie. As primeiras de Nova Esperança.

— Ele está com ótima cor. — Rachel fez um atento exame visual. — Vou ter de levar o meu sobrinho por um minuto. Vou limpá-lo, pesá-lo e medi-lo.

— Só um instante. Olá, Theo. — Arlys deu um beijo na testa do bebé. — Theo William Anderson. Vamos tornar este mundo um lugar melhor para ti. Vamos fazer tudo o que pudermos para o tornar um lugar melhor. Juro.

Deslizou um dedo pelo rosto de Theo; tão pequenino, tão doce, tão seu.

Isto é vida, pensou. Isto é esperança.

Isto é a razão de ambas.

Trabalharia e lutaria todos os dias para cumprir a promessa que fizera ao filho.

Aconchegando-o a si, pensou de novo em Lana, na filha que Lana carregara no ventre.

Na Escolhida que havia sido prometida.

CAPÍTULO UM



Na quinta onde havia nascido, Fallon Swift aprendeu a plantar, a cuidar e a colher, a respeitar e a usar a terra. Aprendeu a atravessar campos e florestas, silenciosa como uma sombra, a caçar e a pescar. A respeitar a caça e a não levar mais do que o necessário, a não matar por desporto.

Aprendeu a preparar alimentos cultivados ou colhidos da terra, na cozinha da mãe ou sobre uma fogueira.

Aprendeu que comida era mais do que ovos frescos do galinheiro ou uma truta bem grelhada. Comida significava sobrevivência.

Aprendeu a costurar, embora não gostasse de passar tempo sentada, quieta, de agulha na mão. Aprendeu a curtir couro, que estava longe de ser a sua lição favorita, e, se não tivesse outra opção, conseguia fiar lã. Aprendeu também que as roupas não eram somente algo que se vestia; protegiam o corpo, como uma arma.

Respeitava as armas e aprendera, desde pequenina, a limpar uma arma de fogo, a afiar uma faca, a encordoar um arco.

Aprendeu a construir, com martelo e serra, a manter as cercas em bom estado de conservação e a fazer reparações na velha casa da quinta, que amava tanto como a floresta.

Uma cerca forte, uma parede sólida e um telhado que protegia da chuva eram mais do que um lar feliz. Também essas coisas significavam sobrevivência.

E, embora muitas vezes fosse algo instintivo, Fallon aprendeu a fazer magia. Aprendeu a acender uma chama com um sopro, a criar um círculo, a curar uma pequena ferida com a sua luz interior, a olhar e a ver.

Aprendeu, embora muitas vezes fosse instintivo, que a magia era mais do que um dom a ser estimado, uma arte a ser aprimorada, uma arma a ser usada com grande cuidado.

Era, e seria, sobrevivência.

Mesmo com comida, abrigo, roupa e armas, até com magia, nem todos haviam sobrevivido. Nem todos sobreviveriam nos tempos vindouros.

Fallon aprendeu como fora o mundo que existira antes do seu nascimento. Um mundo apinhado de gente, um mundo de cidades enormes com edifícios altíssimos onde as pessoas viviam e trabalhavam. Nesse mundo, as pessoas tinham viajado rotineiramente por ar, por mar, por estrada e por linha férrea. Algumas tinham até viajado para o espaço e para a Lua que pairava no céu.

A sua mãe vivera numa grande cidade, na cidade de Nova Iorque. Pelas histórias que lhe eram contadas, e pelos livros que devorava, Fallon sabia que havia sido um lugar repleto de pessoas, de barulho, de luz e escuridão.

Um lugar espantoso para si e que desejava ver um dia.

Imaginava-o frequentemente de noite, quando estava deitada a ver as fadas dançarem do lado de fora da sua janela.

Existira guerra nesse mundo, bem como fanatismo e crueldade, tal como existia no momento presente. Ela tinha conhecimento das guerras passadas através dos livros e das histórias. E sabia das guerras que se travavam ainda através dos visitantes que paravam na quinta.

O pai fora em tempos um soldado e havia-a ensinado a lutar — com as mãos, os pés, a mente. Ela aprendera a ler mapas e a traçá-los, e imaginava-se a segui-los um dia nas viagens que sabia, sempre soubera, que faria.

Ao contrário dos pais, Fallon não tinha qualquer apego pelo mundo que existira antes de o Flagelo ter matado tantas pessoas. Milhares de milhões, dizia-se. Muitas lembravam-se de quando aquelas grandes cidades tinham sucumbido aos incêndios, aos atos de loucura, à magia negra. A crueldade e a ganância do ser humano continuavam presentes na mente e no sangue daqueles que haviam sobrevivido.

Quando tinha vislumbres do futuro, ela sabia que haveria mais fogo, mais sangue, mais morte. E ela faria parte disso. Por isso ficava muitas vezes acordada de noite, abraçada ao seu ursinho de peluche — presente de um homem que ainda não conhecia.

Por vezes, quando as visões do futuro se tornavam demasiado pesadas, ela esgueirava-se de casa enquanto os pais e irmãos dormiam, para ver as pequenas fadas bruxulearem como pirilampos lá fora. Onde podia sentir o cheiro da terra, das plantações, dos animais.

A maior parte das vezes, ela tinha o sono tranquilo e inocente de uma criança com pais amorosos e três irmãozinhos chatos, uma criança saudável com uma mente curiosa e um corpo ativo.

De vez em quando sonhava com o progenitor; o homem com quem a mãe vivera em Nova Iorque, o homem que esta amara e que Fallon sabia que havia dado a vida por si.

Ele fora um escritor, um líder, um grande herói. Ela tinha o seu nome, tal como tinha o nome do homem que a havia trazido ao mundo, que a criara e educara. Fallon, da parte de Max Fallon, seu progenitor. Swift, da parte de Simon Swift, seu pai.

Dois nomes igualmente importantes, pensou Fallon. Tal como a mãe usava duas alianças, uma de cada um dos homens que amara.

E embora amasse o pai tão profunda e verdadeiramente como qualquer filho podia amar, ela indagava-se sobre o homem que lhe havia dado a cor dos olhos e dos cabelos e que, através da união com a sua mãe, lhe tinha passado poderes.

Fallon lia os seus livros — todos os livros eram dádivas — e estudava a sua foto nas contracapas.

Certa vez, quando tinha apenas seis anos de idade, havia-se enroscado na biblioteca com um dos livros de Max Fallon. Embora não conseguisse entender as palavras todas, gostara da história do mago que usava a magia e a inteligência para combater as forças do mal.

Quando o pai entrara, uma pontada de culpa havia-a feito tentar esconder o livro. O seu pai não tinha poderes mágicos, mas era muito inteligente.

Ele pegara nela e no livro para a sentar no seu colo. Ela adorava o seu cheiro a quinta — a terra, a animais, a plantas em crescimento.

Às vezes, ela desejava ter olhos como os dele, que mudavam de uma espécie de verde para uma espécie de dourado, ou que misturavam simplesmente essas duas cores. Quando o desejava, sentia-se culpada por causa de Max.

— É um bom livro.

— Leste-o?

— Sim. A minha mãe gostava muito de ler. Foi por isso que ela e o meu pai fizeram esta sala para livros. Tu não precisas de esconder nada de mim, querida. Nada de nada.

— Porque és o meu papá. — Fallon virou-se para ele e encostou o rosto ao seu coração. *Tum-tum, tum-tum, tum-tum.* — És o meu papá.

— Sou o teu papá. Mas não teria tido essa oportunidade se não fosse o Max Fallon. — Simon virou o livro para que ambos pudessem contemplar a fotografia do atraente homem moreno com intensos olhos cinzentos. — Não teria a minha menina mais linda se ele não tivesse amado a tua mãe e ela não o tivesse amado. Se eles não te tivessem feito. Se ele não vos tivesse amado o suficiente às duas e não tivesse sido suficientemente corajoso para dar a vida para vos proteger. Estou-lhe muito grato, Fallon. Devo-lhe tudo.

— A mamã ama-te, papá.

— Pois ama. Sou um homem de sorte. Ela ama-me e ama-te, e ama o Colin e o Travis.

— E o bebé que vem aí.

— Sim.

— Não é uma menina — disse ela, soltando um enorme suspiro de pesar.

— Verdade?

— Ela tem outra vez um menino dentro dela. Porque é que não pode fazer-me uma irmã? Porque é que faz sempre irmãos?

Fallon ouviu a gargalhada ressoar no peito do pai quando este a abraçou. — Na verdade, essa incumbência é minha. Mas acho que a vida é assim. — Enquanto falava, acariciou-lhe os longos cabelos negros. — E acho que isso significa que terás de continuar a ser a minha menina preferida. Já disseste à mãe que é um menino?

— Ela não quer saber o que é. Gosta da surpresa.

— Então também não lhe direi. — Simon beijou-lhe o cocuruto. — É um segredo nosso.

— Papá?

— Hum?

— Não consigo ler as palavras todas. Algumas são demasiado difíceis.

— Bem, e se eu te lesse o primeiro capítulo antes de regressarmos às nossas tarefas?

Ajeitou-a sobre o colo de modo a que ela pudesse aninhar-se e depois abriu o livro, virou a primeira página e começou a ler.

Ela não sabia que *O Rei Mago* havia sido o primeiro romance de Max Fallon — ou talvez parte de si soubesse. Mas recordaria, para sempre, que o pai lho havia lido, capítulo por capítulo, todas as noites antes de se deitar.

...

E assim ela aprendeu. Aprendeu o que era bondade com o pai, o que era generosidade com a mãe. Aprendeu o que era amor, luz e respeito através do lar, da família e da vida que lhe foram dados.

Aprendeu o que era guerra, infortúnio e sofrimento com os viajantes, muitos deles feridos, que passavam pela quinta ou pela aldeia mais próxima.

Teve aulas de política e achou-as aborrecidas, visto que as pessoas falavam muito e faziam pouco. E para o que servia a política, quando as notícias diziam que o governo — uma palavra tão vaga para si — havia começado a reconstruir-se no terceiro ano após o Flagelo para voltar a cair antes do final do quinto ano?

Agora, doze anos depois, a capital dos Estados Unidos — que não pareciam unidos a Fallon, nem antes nem agora — continuava a ser uma zona de guerra. Fações de Salteadores, grupos de Mutantes Sombrios e os que se mantinham fiéis à seita dos Guerreiros da Pureza, lutavam por poder, por terra, pelo cheiro a sangue. Lutavam uns contra os outros e, segundo parecia, contra todos os que tentassem mandar ou governar.

Muito embora Fallon quisesse paz, quisesse construir e cultivar, entendia a necessidade e o dever de lutar para proteger e defender. Por mais de uma vez havia visto o pai armar-se e deixar a quinta para ajudar a proteger um vizinho, para ajudar a defender a aldeia. Por mais de uma vez havia visto os seus olhos, ao regressar a casa, e percebido que tinha havido derramamento de sangue e morte.

Ela fora criada para lutar e para defender, tal como os irmãos. Enquanto a quinta rejubilava com o verão, as plantações amadureciam e a fruta pesava nas árvores, enquanto a floresta se enchia de caça, travavam-se duras batalhas além dos campos e das montanhas de casa.

E Fallon sabia que o seu tempo, a sua infância, estava em contagem decrescente como o tiquetaque de um relógio.

Ela era a Escolhida.

Nos dias em que os irmãos a atormentavam — porque é que havia sido amaldiçoada com irmãos? —, quando a mãe não entendia *nada* e o pai esperava demasiado dela, ela desejava que essa contagem decrescente fosse rápida.

Outras vezes, enraivecia-se. Por que motivo não tinha escolha? Porquê? Queria caçar e pescar, montar o seu cavalo, correr com os cães pela floresta. Até com os irmãos.

E muitas vezes sofria pelo que algo que a ultrapassava, que ultrapassava os seus pais, exigia que se tornasse. Sofria com a ideia de deixar a família, a sua casa.

Estava a tornar-se alta e forte, e a luz dentro de si brilhava intensamente. A perspetiva do seu décimo terceiro aniversário atemorizava-a.

Matutava nervosamente no assunto, e em tudo o que era injusto no seu mundo e no mundo exterior, enquanto ajudava a mãe a preparar o jantar.

— Sinto que esta noite vamos ter tempestade. — Lana afastou do rosto os cabelos cor de caramelo que havia prendido no topo da cabeça antes de começar a cozinhar. — Mas está uma noite perfeita para comer lá fora. Vai escorrer aquelas batatas que eu pus a cozer.

Fallon aproximou-se do fogão com ar amuado. — Porque é que tens de ser sempre tu a cozinhar?

Lana agitou suavemente uma tigela tapada. No interior, marinavam fatias de pimentos acabados de colher da horta. — Esta noite é o teu pai que vai tratar do churrasco — lembrou a Fallon.

— Mas tu preparaste tudo. — Com isso atravessado na garganta, Fallon despejou pedaços de batatas para dentro do coador que estava na pia. — Porque é que o pai, o Colin ou o Travis não tratam de tudo?

— Eles ajudam, tal como tu. O Ethan também... está a aprender. Mas, respondendo à tua pergunta: eu gosto de cozinhar. Gosto de preparar a comida, especialmente para a minha família.

— E se eu não gostar? — Fallon virou-se subitamente; uma menina alta e esguia, de olhos cinzentos tempestuosos e uma expressão de desafio no rosto. — E se eu simplesmente não quiser cozinhar? Porque é que tenho de fazer coisas que não quero?

— Porque todos temos de as fazer. Para tua sorte, na rotação da próxima semana passas de ajudante de cozinha para as limpezas. Preciso que temperes essas batatas para o churrasco. Já piquei as ervas.

— Muito bem, ótimo. — Ela sabia o que fazer. Azeite, ervas, sal e pimenta.

Tal como sabia que tinham o azeite e as especiarias porque a mãe e uma bruxa de uma quinta vizinha haviam limpado mais de um hectare e lançado um feitiço para o transformar numa região tropical. Havia plantado oliveiras, pimenta preta, grãos de café, bananeiras. Figos e tâmaras.

O pai tinha trabalhado com outros para construir prensas para o azeite e secadores de fruta.

Todos trabalhavam em conjunto, todos beneficiavam. Ela *sabia* disso.

Contudo...

— E se levasses já isso lá para fora e dissesses ao teu pai para começar a assar o frango?

Contrariada, Fallon saiu de casa como um furacão. Lana observou a

filha, e os seus olhos, azuis como o céu de verão, toldaram-se. Pensou: *Vem aí mais do que uma tempestade.*

Comeram na grande mesa exterior que o pai havia construído, utilizando pratos coloridos, guardanapos azul-vivo e flores silvestres em vasilhinhos.

A mãe fazia gosto em ter uma mesa bonita e deixou Ethan acender as velas com um sopro porque era algo que o fazia sempre rir. Fallon sentou-se ao lado de Ethan. Ela não o considerava tão insuportável como Colin ou Travis.

Mas, claro, tinha apenas seis anos. Lá chegaria.

Com a trunfa castanha aclarada pelo sol, Simon sentou-se e sorriu para Lana. — Isto está com ótimo aspeto, querida.

Lana levantou o seu vinho, feito com as uvas da quinta. — Mérito do mestre do churrasco. Damos graças — acrescentou ela, olhando de relance para a filha — pela comida cultivada e preparada com as nossas mãos. Esperamos que chegue o dia em que ninguém passe fome.

— Tenho fome agora! — anunciou Colin.

— Então dá graças por haver comida na mesa. — Lana colocou uma coxa, a parte preferida de Colin, no seu prato.

— Eu ajudei o papá com o churrasco — afirmou ele enquanto acrescentava batatas, vegetais e uma maçaroca de milho recém-debulhada no prato. — Por isso não devia lavar a louça.

— Não é assim que funciona, filho. — Simon encheu o prato de Travis enquanto Lana enchia o de Ethan.

Colin agitou a coxa de frango no ar antes de lhe dar uma dentada. O menino tinha os olhos do pai, aquele tom de avelã com um misto de dourado e verde, e os cabelos, um pouco mais escuros do que os da mãe, estavam mais luminosos devido ao sol de verão. Como de costume, estavam espetados em tufos que se recusavam a ser domados.

— Eu apanhei o milho.

Travis, que já comia com afinco, deu uma cotovelada a Colin. — Nós apanhámos.

— Irrelevante.

— *Vante* — corrigiu Simon. — *Irrelevante*; e não é.

— Eu apanhei a *maior* parte do milho. Devia contar.

— Em vez de te preocupares com a louça, que vais lavar, talvez deveses comer o milho — sugeriu Lana enquanto ajudava Ethan a untar a sua maçaroca com manteiga.

— Numa sociedade livre, toda a gente tem direito de voto.

— É uma pena que não vivas numa. — Simon deu uma leve beliscadura nas costelas de Colin, fazendo-o sorrir de orelha a orelha.

— O milho é bom! — Embora tivesse já perdido uns quantos dentes de leite, Ethan mastigava a sua maçaroca com entusiasmo. O menino tinha os olhos azuis da mãe, bem como os seus bonitos cabelos louros, e era muito alegre.

— Talvez me candidate a presidente — insistiu Colin, que nunca se dava por vencido. — Serei presidente da Cooperativa Agrícola da Família Swift. Depois, da aldeia. Vou chamar-lhe «Colinville» e nunca mais lavarei pratos.

— Ninguém votaria em ti. — Travis, que se assemelhava tanto a Colin a ponto de parecer seu gémeo, riu-se à socapa.

— Eu voto em ti, Colin!

— E se eu também me candidatasse a presidente? — perguntou Travis a Ethan.

— Eu votaria nos dois. E na Fallon.

— Deixem-me fora disso — retrucou Fallon, espetando a comida no prato.

— Só podes votar numa pessoa — salientou Travis.

— Porquê?

— Porque sim.

— «Porque sim» é idiota.

— Toda esta conversa é idiota. — Fallon agitou uma mão no ar. — Tu não podes ser presidente porque, mesmo que existisse de facto alguma estrutura de governo, não tens idade, nem inteligência suficiente para isso.

— Sou tão inteligente como tu — ripostou Colin — e vou crescer. Posso ser presidente, se eu quiser. Posso ser tudo o que eu quiser.

— Nos teus sonhos — acrescentou Travis com um sorriso trocista.

O comentário valeu-lhe um pontapé debaixo da mesa, que ele devolveu.

— Um presidente é um líder, e um líder lidera.

Quando Fallon se levantou abruptamente, Simon predispôs-se a falar, para acabar com a conversa, mas reparou no olhar de Lana.

— Tu não sabes nada do que é ser líder.

— E tu não sabes nada de nada — retrucou Colin.

— Sei que um líder não anda por aí a dar o seu nome aos sítios. Sei que um líder tem de ser responsável pelas pessoas, garantir que têm comida e abrigo, tem de decidir quem vai para a guerra, quem vive e quem morre. Sei que um líder tem de lutar, talvez até matar. — Enquanto vociferava, centelhas de luz vermelha faiscavam ao seu redor. — Um líder é

alguém a quem toda a gente recorre em busca de respostas, mesmo quando elas não existem. Alguém que toda a gente culpa quando algo corre mal. Um líder é aquele que tem de fazer o trabalho sujo, nem que seja lavar os malditos pratos.

Fallon afastou-se a passos largos, arrastando aquela luz enraivecida para dentro de casa. E fechou violentamente a porta.

— Porque é que ela tem de se comportar como uma criança? — perguntou Colin. — Porque é que tem de ser má?

Com os olhos cheios de lágrimas, Ethan virou-se para a mãe. — A Fallon está zangada connosco?

— Não, querido, está apenas zangada. Vamos dar-lhe um bocadinho mais de tempo a sós, está bem? — Olhou para Simon. — Ela só precisa de um pouco de espaço. Ela vai pedir desculpas, Colin.

Ele limitou-se a encolher os ombros. — Eu posso ser presidente, se eu quiser. Ela não manda no mundo.

Lana sentiu um aperto no coração. — Eu já disse que fiz tarte de pêssego para a sobremesa? — Ela sabia que tartes eram um método infalível para animar os seus rapazes. — Isto é, para quem limpar o seu prato.

— Eu sei de uma boa maneira para digerir essa tarte. — Em sintonia com Lana, Simon retomou a refeição. — Um bocadinho de basquetebol.

Desde que havia construído meio campo ao lado do celeiro, o basquetebol tornara-se um dos passatempos preferidos dos filhos.

— Eu quero ser da tua equipa, papá!

Simon sorriu para Ethan e piscou-lhe o olho. — Vamos arrasar com eles, campeão.

— Nem pensar. — Colin lançou-se à comida. — O Travis e eu vamos esmagar-vos.

Travis olhou para a mãe e fitaram-se por um longo momento.

Ele sabe, pensou Lana. E Colin também sabia, embora a fúria e a indignação lhe bloqueassem esse conhecimento.

A irmã não mandava no mundo, mas carregava o seu peso nos ombros.

A ira de Fallon extinguiu-se num mar de lágrimas de autocomiseração. Atirou-se para cima da cama para as derramar; a cama que o pai construía, copiando uma que ela havia visto numa revista antiga. As lágrimas acabaram por se desvanecer e dar lugar ao mau humor e a uma enxaqueca.

Não era justo, nada era justo. E fora o Colin a começar a discussão. Era

sempre ele quem começava, com as suas grandes ideias idiotas. Provavelmente porque não possuía magia nenhuma. Provavelmente porque tinha ciúmes.

Bem podia ser ele a ter a magia dela e a ir-se embora com um estranho para aprender a ser o salvador daquele mundo imbecil.

Ela queria apenas ser normal. Como as meninas da aldeia e das outras quintas. Como qualquer outra pessoa.

Fallon ouviu os gritos e o riso através da janela aberta e tentou ignorar. Mas levantou-se e olhou lá para fora.

O céu continuava azul, no final de tarde daquele longo dia de verão, mas, tal como a mãe, ela sentia o aproximar de uma tempestade.

Viu o pai, com Ethan empoleirado nos ombros, a encaminhar-se para o celeiro. Os meninos mais velhos corriam já no semicírculo asfaltado com as sapatilhas de basquetebol que o pai havia encontrado.

Conteve um sorriso quando o pai roubou a bola a Colin e a passou a Ethan, aproximando-se depois do cesto para que o menino pudesse largá-la mesmo acima do aro.

Ela não queria sorrir.

Os irmãos mais velhos eram parecidos com o pai, Ethan era parecido com a mãe.

E ela era parecida com o homem da contracapa de um livro.

Isso, por si só, magoava-a mais do que ela julgava conseguir suportar.

Ouviu a suave batida na porta e depois a mãe entrou. — Pensei que estivesse com fome. Mal tocaste no jantar.

A vergonha começou a sobrepor-se ao mau humor. Fallon limitou-se a abanar a cabeça.

— Então, mais tarde. — Lana pousou o prato na cómoda que Simon havia construído. — Quando quiseres, sabes como aquecê-lo.

Fallon tornou a abanar a cabeça, mas desta vez derramou algumas lágrimas. Lana aproximou-se simplesmente, e abraçou-a.

— Lamento.

— Eu sei.

— Estraguei tudo.

— Não estragaste nada.

— Mas queria.

Lana beijou a face de Fallon. — Eu sei, mas não estragaste. Pedirás desculpa aos teus irmãos, mas agora podes ouvir como estão felizes. Nada se estragou.

— Eu não me pareço com eles, nem contigo, nem com o pai.

Lana deslizou uma mão pelo longo rabo de cavalo negro de Fallon e afastou-se para contemplar aqueles familiares olhos cinzentos.

— Já te falei da noite em que tu nasceste. Sempre foi uma das tuas histórias favoritas. — Enquanto falava, Lana conduziu Fallon para a cama e sentou-se com ela na borda. — Mas nunca te falei na noite em que foste concebida.

— Eu... — O rubor subiu-lhe às faces. Fallon sabia o que significava «conceber» e como acontecia. — Isso é... é estranho.

— Tens quase treze anos, e mesmo que ainda não tivéssemos falado sobre o assunto, vives numa quinta. Sabes de onde vêm os bebés e como eles lá vão parar.

— Mas é estranho quando se trata da nossa mãe.

— Um pouco estranho, — admitiu Lana, — por isso, irei com calma. Nós morávamos em Chelsea. É um bairro de Nova Iorque. Eu adorava. Havia uma pequena padaria encantadora do outro lado da rua e uma boa mercearia na esquina. Bonitas lojas nas proximidades, lindos edifícios antigos. Nós tínhamos um *loft*... eu mudei-me para o *loft* do Max. Também adorava isso. Tinha umas janelas enormes com vista para a rua. Podíamos ver a azáfama. Prateleiras cheias de livros. A cozinha era muito menor do que a que temos aqui em casa, mas era totalmente moderna. Organizávamos, com frequência, jantares para os amigos.

» Eu trabalhava num bom restaurante e fazia tenção de um dia abrir o meu.

— És a melhor cozinheira do mundo.

— Agora não tenho grande concorrência. — Lana rodeou a cintura de Fallon com um braço. — Cheguei a casa do trabalho e bebemos um pouco de vinho, um vinho muito bom, e fizemos amor. E depois, poucos minutos depois, algo explodiu simplesmente dentro de mim. Uma luz imensa, uma sensação gloriosa... não consigo explicar o que senti, nem mesmo agora. Roubou-me o fôlego, da maneira mais bela. O Max também a sentiu. Brincámos um bocadinho com isso. Ele foi buscar uma vela. O meu dom sempre havia sido tão pequeno, que eu só conseguia acender uma vela depois de muito esforço.

— A sério? Mas tu...

— Mudei, Fallon. Abri-me naquela noite. Acendi a vela apenas com o pensamento. O novo poder despertou dentro de mim. Como aconteceu com o Max, com todos os que tinham magia dentro de si. Mas o que eu tinha dentro de mim eras tu. Aquele momento, aquela explosão, aquela glória, aquela luz... eras tu. Não o soube durante semanas, mas eras tu. Tu acendeste algo

dentro de mim naquela noite. E eu viria a saber, em parte mostraste-me enquanto estavas dentro de mim, que não és especial só para mim, para o Max e para o Simon, mas para todos.

— Eu não me quero ir embora. — Fallon encostou o rosto no ombro de Lana. — Não quero ser a Escolhida.

— Então, recusa. A escolha é tua, Fallon. Não podes ser obrigada e eu nunca permitiria que alguém te obrigasse. O teu pai nunca o permitiria.

Fallon também estava ciente desse facto. Os pais sempre lhe haviam dito que a decisão seria sua. Mas... — Não ficarias dececionada comigo? Com vergonha de mim?

— Não. — Lana abraçou Fallon e apertou-a contra si. — Não, não, nunca. — Quantas noites se havia revoltado e sofrido por conta do que seria exigido a esta criança? Esta *criança*. A sua filha. — És o meu coração — confortou-a Lana. — Orgulho-me de ti todos os dias. Orgulho-me de ti, da tua mente, do teu coração, da tua luz. Oh, meu Deus, é tão resplandecente. E não hesitaria em te tirar essa luz para te poupar a tomar essa decisão. Para evitar que tivesses de a tomar.

— Ele morreu para me salvar. O meu pai biológico.

— Não apenas por aquilo que tu poderias ser. Mas porque te amava. Fallon, nós as duas somos mulheres de sorte. Fomos amadas por dois homens espetaculares, homens corajosos. Decidas o que decidires, eles e eu amar-te-emos sempre.

Fallon manteve-se abraçada à mãe, confortada, serenada. Depois sentiu... Afastou-se com cuidado. — Há mais. Consigo sentir. Consigo sentir que há mais, coisas que não me contaste.

— Falei-te de Nova Esperança, e...

— Quem é o Eric?

Lana recuou abruptamente. — Não faças isso. Sabes que não é permitido invadir a mente dos outros.

— Não invadi. Juro. Vi simplesmente. Senti. Há mais — disse Fallon, agora com voz trémula. — Coisas que não me dizes porque estás preocupada. Sinto que receias por mim. Mas se não me contares tudo, como saberei o que fazer?

Lana levantou-se e aproximou-se da janela. Contemplou os seus meninos, o seu homem e os dois cães velhos, *Harper e Lee*, a dormirem ao sol. Os dois cachorros a correrem em volta dos meninos. A quinta, a casa que estimava. A vida que havia construído. A escuridão ameaçava permanentemente a luz, pensou com algum amargor.

A magia tinha sempre um preço.

Ela ocultara coisas à filha, à mais brilhante das luzes, por medo. Porque queria a família junta, em casa. Em segurança.

— Eu ocultei-te coisas porque, lá no fundo, queria que tu recusasses. Falei-te do ataque que sofremos quando vivíamos na casa das montanhas.

— Dois dos que estavam contigo converteram-se. Eram Mutantes Sombrios, mas tu só percebeste isso quando eles tentaram matar-te. Quando tentaram matar-me. Tu, o Max e os restantes lutaram e pensaram que os tinham destruído.

— Sim, mas não tínhamos.

— Eles voltaram a atacar em Nova Esperança. Queriam matar-me, e para te salvar e me salvar, o Max sacrificou-se. Tu fugiste, como ele te disse para fazer. Fugiste porque sabias que eles regressariam e tinhas de me proteger. Estiveste muito tempo sozinha, e eles perseguiram-te. Então encontraste a quinta, encontraste o pai. — Fallon tomou fôlego. — Esse Eric era um deles? Um dos sombrios?

— Sim. Ele e a mulher que estava com ele, a mulher que, creio eu, o ajudou a virar costas à luz. Eles queriam matar-me, matar-te. Mataram o Max. O Eric é irmão do Max.

— Irmão? — perguntou ela, chocada. Os *irmãos*, pensou ela, horrorizada, por mais irritantes que fossem, eram *irmãos*. Eram família. — Meu tio. Meu sangue.

— O Eric escolheu trair esse sangue, escolheu matar o próprio irmão. Escolheu a escuridão.

— Escolheu — murmurou Fallon. Tomou novo fôlego e endireitou os ombros. — Tens de me contar tudo. Não me podes esconder nada. Contas-me?

— Sim. — Lana pressionou os olhos com os dedos. Olhando para aqueles familiares olhos cinzentos, sabia já qual seria a escolha da sua filha. — Sim, vou contar-te tudo.